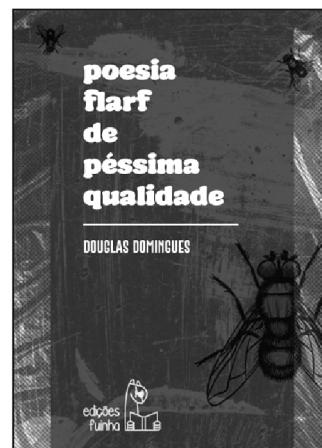




Poesia flarf de péssima qualidade

Perguntas para pensar ou conversar sobre fila do pão, Google, chantagem, batata, crise, meta descrição e a nobre arte de fazer poema ruim com método.

O livro se apresenta como ruim antes que você tenha tempo de posar de fiscal do gosto. Título, capa e Introdução armam barraco contra a qualidade como critério sagrado; os poemas transformam meta descrições do Google, sem retoque, em lirismo burocrático, afetivo, ridículo e às vezes estranhamente tocante. O guia acompanha procedimento e efeito sem inventar mensagem secreta para uma sucata que já trabalha bastante.



AUTOR Douglas Domingues

Ed. do Autor · 2023 · 17 textos · ISBN impresso 978-65-00-80662-5

Um método ruim, dois jeitos de estragar o cânone

Por conta própria

Mapeie o tipo de linguagem saqueada por cada poema e marque onde o acidente produz graça, irritação ou emoção real. A origem da sucata não encerra o efeito.

Com outras pessoas

Leiam alguns poemas em voz alta e registrem a primeira reação antes da explicação. Depois comparem por que a mesma colagem parece piada, poema ou pane de atendimento.

Como usar

- Leia a capa, a Introdução e o MEU MÉTODO junto com os poemas. Neste caso, a teoria do crime ajuda bastante a avaliar o assalto.
- Se a leitura travar, pergunte de que tipo de linguagem cada poema parece ter sido saqueado e o que essa mistura produz: anúncio, notícia, FAQ, autoajuda, atendimento, matéria de crise, texto escolar.

Antes de entrar no assunto

1. O título e a capa já chegam dizendo basicamente 'se você achar sentido, a culpa é sua'. Isso te desarma, te diverte ou te dá vontade de implicar ainda mais?
2. A defesa de uma poesia de baixa qualidade te parece provocação honesta, escudo preventivo contra crítica ou uma mistura muito eficiente das duas coisas?

- Não trate o método como explicação final de tudo. Em flarf, saber de onde veio a sucata não elimina o estrago nem a graça.
- Alterne um poema mais engraçado com um mais triste ou opaco. O livro cresce quando fica claro que não depende só da piada.

Se der branco: Não comece perguntando se os poemas são bons no sentido escolar e mofado da palavra. Pergunte o que acontece quando busca, burocracia, consumo, autoajuda, notícia e serviço viram poesia. Não pule a Introdução nem o MEU MÉTODO: o paratexto fez metade do serviço pesado.

3. Antes de saber do método, os poemas te pareceram mais colagem, mais piada, mais confissão torta ou mais experimento sério com cara de bagunça?
4. Quando um livro promete pouco com tanta ênfase, ele está sendo modesto, cínico ou só montando um palco muito específico para o leitor cair?
5. O que te chamou mais atenção no conjunto: a repetição, o vocabulário de serviço e crise, os lampejos sentimentais ou o fato de quase tudo parecer saído de um Google com febre?

Protocolos de baixa qualidade

Poema e protocolo Leia a Introdução, alguns poemas e o MEU MÉTODO na mesma rodada. É o melhor jeito de ver como teoria e execução se provocam.	Mau gosto produtivo Escolha os poemas mais obviamente engraçados ou tortos e pergunte por que ainda funcionam. Serve para discutir gosto sem ficar cheirando cânone.	Google lírico Monte pares por família de linguagem: crise, consumo, serviço, afeto, ameaça, escassez. Funciona bem para perceber que o livro tem método, não só bagunça performática.
--	--	---

Depois de tudo

1. Depois de ler a Introdução, os poemas e o MEU MÉTODO, o título continua parecendo verdadeiro, irônico ou estrategicamente mentiroso?
2. O livro te convence de que qualidade pode ser um critério estreito demais para ler poesia, ou só mostra que dá para fazer boa conversa a partir de poema ruim?
3. Quais poemas mais sustentam o projeto inteiro, e quais parecem depender mais da ideia do que da execução?
4. Saber exatamente como os poemas foram montados aumentou a graça, diminuiu a mágica ou trocou um encanto por outro?
5. Se você tivesse que convencer alguém a ler este livro com a pior propaganda possível, o que diria para vender o pacote sem estragar o espírito dele?

O que tem aqui

- | | |
|--|--|
| 1. Introdução
p. 5-6 | 10. aqui não há sinos
p. 18-18 |
| 2. na fila do pão
p. 9-9 | 11. em chamás
p. 19-19 |
| 3. amanhã é meu aniversário
p. 10-10 | 12. por que você não chora
p. 20-20 |
| 4. eu sou o cliente que nunca mais volta
p. 11-11 | 13. talvez eu sempre me lembre
p. 21-21 |
| 5. se possível, compareça
p. 12-12 | 14. hoje não
p. 22-22 |
| 6. o chantagista age de acordo
p. 13-13 | 15. até isso foi cortado
p. 23-23 |
| 7. ainda não acabou (é comum a pessoa ter problemas)
p. 14-15 | 16. melhor acabar por aqui
p. 24-24 |
| 8. passeando pelo quarteirão
p. 16-16 | 17. MEU MÉTODO
p. 25-27 |
| 9. dia da batata
p. 17-17 | |

Introdução

Douglas Domingues / micro-ensaio / p. 5-6

A abertura parte da tese de que qualidade é um valor superestimado e usa o flarf para atacar uma visão restritiva do que conta como poesia. O texto mistura mini manifesto, defesa do experimentalismo de internet e deboche preventivo, convidando o leitor a brincar com formas consideradas menores, ruins ou indignas de contemplação nobre.

Palavras suspeitas: poética / qualidade / flarf / provocação / internet

Para começar sem cerimônia

1. A frase 'qualidade é uma coisa superestimada' te parece mais senha de entrada, defesa desesperada ou slogan que felizmente funciona?
2. A introdução te ganhou pela honestidade, pela cara de pau ou pelo prazer bem específico de ver alguém implicando com o sublime?
3. Quando o texto manda o leitor dar um Google e brincar também, isso te soa generoso ou levemente passivo-agressivo no melhor sentido?

Para pensar além da conta

1. Que hábito de leitura esta introdução tenta desorganizar: o culto à boa poesia, a polícia do bom gosto, a necessidade de legitimação ou tudo isso junto?
2. Como o texto usa o flarf para discutir democratização de publicação sem cair no papo fofo de que toda expressão vale igual e pronto?
3. A introdução prepara o leitor para um livro de piada ou para um experimento sério que escolheu a piada como método de aproximação?
4. Quando o autor diz que a qualidade do livro também depende do leitor, isso é distribuição de responsabilidade, provocação interpretativa ou armadilha elegante?

ALGUMA COISA QUE PARECEU IMPORTANTE NA HORA

na fila do pão

Douglas Domingues / poesia / p. 9-9

O poema transforma a fila da padaria em laboratório de identidade, consumo e frustração coletiva. Entre pergunta existencial, vocabulário de autoajuda e tragédia miúda, o texto faz da fila do pão um lugar ao mesmo tempo ridículo e adequadíssimo para procurar sentido na vida.

Palavras suspeitas: consumo / identidade / cotidiano / padaria / frustração

Para começar sem cerimônia

1. A fila do pão te pareceu mais cenário filosófico improvável ou o lugar mais honesto possível para discutir quem somos?
2. Qual verso te pegou mais: o autoconhecimento, o muro de lamentações ou o devastador 'acabou o pão'?
3. Este poema te fez rir mais da grandiloquência ou da padaria? Resposta errada não existe, infelizmente.

Para pensar além da conta

1. Como o poema junta linguagem de autoajuda e cotidiano banal para produzir uma pergunta de identidade que é ridícula e legítima ao mesmo tempo?
2. O que muda quando uma cena de consumo vira arena de autoconhecimento e ressentimento social?
3. Por que o final com falta de pão fecha tão bem um poema que parecia querer discutir o sentido da vida inteira?

ALGUMA COISA QUE PARECEU IMPORTANTE NA HORA

amanhã é meu aniversário

Douglas Domingues / poesia / p. 10-10

Entre expectativa, carência e antecipação da decepção, o poema trata o aniversário como mini catástrofe emocional anunciada. O eu lírico quer atenção, já desconfia que não vai receber e transforma essa espera numa mistura de súplica, mantra e microdrama perfeitamente humano.

Palavras suspeitas: carência / expectativa / solidão / aniversário / antecipação

Para começar sem cerimônia

1. Esse poema te deu mais vontade de abraçar o eu lírico, mandar um oi simbólico ou se esconder até passar a data?
2. Qual parte dói mais: a esperança, o contato fictício ou a convicção de que não vai ter comemoração nenhuma?
3. Você leu isso como drama sincero, chantagem afetiva de baixo orçamento ou os dois juntos com ótima química?

Para pensar além da conta

1. Como a repetição transforma um pedido pequeno de atenção em retrato de solidão preventiva?
2. O poema fala mais sobre aniversário ou sobre a gestão humilhante da expectativa em relações frouxas?
3. Por que o vocabulário simples e meio administrativo do texto deixa a tristeza mais seca e menos sentimental?

ALGUMA COISA QUE PARECEU IMPORTANTE NA HORA

eu sou o cliente que nunca mais volta

Douglas Domingues / poesia / p. 11-11

O poema pega a voz clássica do consumidor ofendido e a empurra até o melodrama metafísico. Uma pequena gentileza não feita vira ofensa estrutural, despedida definitiva, pó e ressentimento comercial elevado à categoria de destino.

Palavras suspeitas: ressentimento / consumo / atendimento / despedida / exagero

Para começar sem cerimônia

1. O que te diverte mais aqui: o tamanho da mágoa ou o fato de ela continuar sendo, no fundo, uma reclamação de cliente?
2. Você já conheceu alguém com essa energia de 'nunca mais volto' tratada como questão cosmológica?
3. A pequena gentileza virou para você um detalhe banal ou o centro moral absoluto do universo?

Para pensar além da conta

1. Como o poema amplia a linguagem de reclamação de consumo até ela parecer luto, vingança e fim de mundo privado ao mesmo tempo?
2. O que a repetição da 'pequena gentileza' produz: comicidade, desespero, crítica ao atendimento ou tudo isso empilhado?
3. Por que esse poema parece falar de consumo, mas também de orgulho ferido e incapacidade de esquecer uma humilhação mínima?

ALGUMA COISA QUE PARECEU IMPORTANTE NA HORA

se possível, compareça

Douglas Domingues / poesia / p. 12-12

O poema compõe uma pequena ópera burocrática de ausência, justificativa e cordialidade. Maria, personagem fictícia, circula entre procedimento, abandono e erro persistente, enquanto a linguagem fria de instrução vai ganhando um subtexto de perda e constrangimento.

Palavras suspeitas: burocracia / ausência / procedimento / cordialidade / abandono

Para começar sem cerimônia

1. Maria te pareceu mais personagem, pretexto ou vítima profissional de formulário mal resolvido?
2. Qual parte do poema mais te pegou: o abandono, a cordialidade obrigatória ou o maravilhoso 'é rápido e fácil' depois de tanto caos?
3. Esse texto te soa mais convocação, ameaça administrativa ou poesia de balcão de atendimento?

Para pensar além da conta

1. Como o poema usa linguagem de procedimento para sugerir conflito emocional, social e até afetivo sem nunca assumir isso por completo?
2. O que acontece com a figura de Maria quando ela é declarada fictícia e ainda assim carrega tanta ansiedade prática?
3. Por que a frieza burocrática aqui não esvazia a emoção, mas produz um tipo muito específico de angústia?

ALGUMA COISA QUE PARECEU IMPORTANTE NA HORA

o chantagista age de acordo

Douglas Domingues / poesia / p. 13-13

O poema cruza penalidade, negociação e marketing promocional até chantagem virar item de catálogo. Entre o preço a pagar e o preço exclusivo, o texto monta um mundo em que crime, acordo e venda parecem falar o mesmo idioma.

Palavras suspeitas: crime / mercado / chantagem / acordo / linguagem jurídica

Para começar sem cerimônia

1. O poema te parece mais anúncio criminoso ou crime explicado como se fosse promoção relâmpago?
2. Qual expressão te ganhou mais: 'o preço a pagar pode ser muito caro' ou 'preços e condições de pagamento exclusivos'?
3. Você saiu desse texto com medo, rindo ou querendo parcelar a própria extorsão?

Para pensar além da conta

1. O que acontece com a leitura quando linguagem penal e linguagem comercial ficam tão próximas que quase não dá para separar uma da outra?
2. Como a repetição de 'não existe na legislação penal comum' atua: esclarece, confunde ou erotiza o jargão burocrático?
3. Esse é um poema sobre chantagem literal ou sobre a lógica de negociação que já organiza relações comuns de mercado e poder?

ALGUMA COISA QUE PARECEU IMPORTANTE NA HORA

ainda não acabou (é comum a pessoa ter problemas)

Douglas Domingues / poesia / p. 14-15

Misturando crise global, trauma moral, renda insuficiente e ausência de cura, o poema transforma discurso de colapso em refrão cansado e sem saída. A repetição do título e do alerta monta um clima de emergência permanente, daqueles que já viraram rotina antes mesmo de acabar.

Palavras suspeitas: crise / colapso / trauma / economia / exaustão

Para começar sem cerimônia

1. Qual parte do poema parece mais familiar demais para ser confortável: a crise, a renda insuficiente ou o fato de nada acabar nunca?
2. O refrão 'oh, não, ainda não acabou' te pareceu mais desespero legítimo ou o suspiro cansado de quem já perdeu a surpresa faz tempo?
3. Esse texto te deu sensação de noticiário, de ataque de pânico ou de terça-feira comum?

Para pensar além da conta

1. Como o poema transforma a linguagem de crise contínua em experiência emocional de desgaste e anestesia?
2. O que acontece quando termos de economia, moralidade e terrorismo aparecem no mesmo caldo verbal de exaustão?
3. Por que o poema funciona tão bem como retrato de tempo histórico em que toda emergência já nasce repetida?

ALGUMA COISA QUE PARECEU IMPORTANTE NA HORA

passando pelo quarteirão

Douglas Domingues / poesia / p. 16-16

O poema começa como atividade escolar ou passeio tranquilo de observação urbana e termina encostando em suspeita, vigilância e artefato explosivo. O deslocamento brusco faz o quarteirão parecer, ao mesmo tempo, exercício pedagógico, cena de paranóia e inventário de pequenos perigos do cotidiano.

Palavras suspeitas: cidade / vigilância / escola / paranóia / passeio

Para começar sem cerimônia

1. Em que momento esse passeio deixou de ser educativo e virou relatório de ameaça urbana?
2. O 'ronda do quarteirão' te parece figura cômica, sintoma de medo ou detalhe brasileiro que faz metade do trabalho sozinho?
3. Você terminou o poema mais querendo dar a volta na rua ou voltar para casa discretamente?

Para pensar além da conta

1. Como o poema usa o formato de observação escolar para introduzir suspeita, controle e violência latente?
2. O que a mistura entre didatismo infantil e imaginação policial faz com a leitura da cidade aqui?
3. Esse poema fala mais sobre o quarteirão real ou sobre a facilidade com que o cotidiano vira cenário de alerta?

ALGUMA COISA QUE PARECEU IMPORTANTE NA HORA

dia da batata

Douglas Domingues / poesia / p. 17-17

Entre agronomia, fome, saudade, colheita e manifestação, o poema converte a batata em centro simbólico de uma pequena civilização aflita. O resultado é um hino absurdo e curiosamente comovente à importância material e afetiva de um tubérculo tratado com seriedade total.

Palavras suspeitas: comida / agricultura / fome / manifestação / afeto

Para começar sem cerimônia

1. O dia da batata te parece feriado justo, revelação mística ou programa mínimo de reconstrução nacional?
2. Qual verso te ganhou mais: a saudade da batatinha, a fome, os fertilizantes de boro ou o grito para a mãe?
3. Você leu esse poema com mais fome, mais respeito ou mais medo do poder ideológico da batata?

Para pensar além da conta

1. Como o poema faz um objeto alimentar banal concentrar carência, desejo coletivo e energia de mobilização?
2. O humor aqui diminui a força do poema ou é justamente o que permite que a batata vire assunto sério sem pompa falsa?
3. Por que a mistura de linguagem agrícola e entusiasmo afetivo produz algo tão improvável quanto um hino convincente à batata?

ALGUMA COISA QUE PARECEU IMPORTANTE NA HORA

aqui não há sinos

Douglas Domingues / poesia / p. 18-18

O poema ronda a imagem do sino para falar de anúncio, derrota, medo e funeral, enquanto insiste num paradoxo básico: aqui não há sinos. A repetição cria um espaço estranho em que o som persiste mesmo sem objeto, como se a ameaça já tivesse sido internalizada.

Palavras suspeitas: som / anúncio / medo / morte / paradoxo

Para começar sem cerimônia

1. Você ouviu os sinos mesmo sem haver sinos, ou o poema te convenceu mais pela ausência?
2. Qual trecho pesa mais para você: sonho, fraqueza, funeral ou a simples falta de sossego?
3. Esse poema te parece mais atmosférico, filosófico ou deliciosamente teimoso?

Para pensar além da conta

1. Como a repetição de um objeto ausente produz presença, ameaça e clima?
2. Se você resistir à tentação de transformar o sino numa chave única, que clima ou mecanismo o poema monta com essa presença ausente?
3. Por que o poema funciona bem justamente por não resolver se o sino toca, não toca ou nunca existiu?

ALGUMA COISA QUE PARECEU IMPORTANTE NA HORA

em chamas

Douglas Domingues / poesia / p. 19-19

O poema combina transformação, atraso, incêndio doméstico, corpo ferido e preparo para viagem. O fogo aparece como imagem literal e alegórica ao mesmo tempo, sem nunca se fixar só numa leitura, o que deixa o texto oscilando entre desastre concreto, entusiasmo criativo e vida em combustão.

Palavras suspeitas: fogo / transformação / desastre / corpo / caminho

Para começar sem cerimônia

1. Nesse poema, o fogo te parece mais ameaça, revelação ou método de organização da agenda?
2. Qual imagem ficou mais forte: a casa em chamas, o corpo em chamas ou a preocupação com mantimentos para a viagem?
3. Você saiu do texto com sensação de desastre, de epifania ou de logística muito mal calibrada?

Para pensar além da conta

1. Como o poema articula vocabulário de caminho e criação com imagens de incêndio e ferimento?
2. O que a mistura entre urgência prática e combustão simbólica faz com o tom do texto?
3. Por que o poema mantém força justamente por não escolher entre catástrofe íntima, transformação e cena literal de incêndio?

ALGUMA COISA QUE PARECEU IMPORTANTE NA HORA

por que você não chora

Douglas Domingues / poesia / p. 20-20

Usando linguagem de cuidado, sintoma, memória, festa infantil e tabu da morte, o poema tenta interpelar alguém que não consegue chorar ou talvez já tenha chorado demais. O efeito é de escuta truncada: quase autoajuda, quase acolhimento, quase diagnóstico, sem se estabilizar em nenhum desses lugares.

Palavras suspeitas: afeto / sintoma / luto / memória / cuidado

Para começar sem cerimônia

1. A pergunta do título te parece mais carinhosa, invasiva ou desesperada?
2. O que mais te desarma no poema: as festinhas de aniversário, a cabeça bagunçada ou o fato de a morte entrar no meio da conversa como tema tabu?
3. Você sente que o texto está tentando ajudar alguém ou só tentando desesperadamente encontrar a frase certa?

Para pensar além da conta

1. Como o poema mistura vocabulário de sintoma, consolo e confusão emocional sem virar texto motivacional puro?
2. O que a pergunta pelo choro põe em circulação aqui: cuidado, cobrança, impotência, tentativa de diagnóstico ou um pouco de tudo sem fechar conta?
3. Por que a combinação de linguagem prática e vulnerabilidade faz este poema soar mais triste do que melodramático?

ALGUMA COISA QUE PARECEU IMPORTANTE NA HORA

talvez eu sempre me lembre

Douglas Domingues / poesia / p. 21-21

Com poucas linhas, o poema arma uma confissão hesitante sobre verdade, insuficiência e lembrança persistente. O recorte mínimo deixa espaço para que raiva, intimidade e incapacidade de dizer tudo convivam numa delicadeza seca e surpreendente.

Palavras suspeitas: memória / verdade / insuficiência / confissão / hesitação

Para começar sem cerimônia

1. Esse poema te pareceu bilhete, lembrança, rascunho de declaração ou uma desistência elegante?
2. Qual verso carrega mais peso para você: 'me sou tão insuficiente', 'dá raiva de lembrar' ou 'talvez eu sempre me lembre'?
3. Você leu esse texto como íntimo ou como uma intimidade feita de sobras e ruído?

Para pensar além da conta

1. Como a economia extrema do poema produz densidade afetiva sem precisar explicar quase nada?
2. Como a hesitação entre dizer a verdade e não escrever sobre si afeta a confiança, a intimidade e a secura desse poema?
3. Por que este poema parece escapar da piada mais facilmente e encostar num lirismo quase nu?

ALGUMA COISA QUE PARECEU IMPORTANTE NA HORA

hoje não

Douglas Domingues / poesia / p. 22-22

O poema encena um veto ao contato físico e ao amor sob linguagem de indecência, censura e repetição recusadora. O 'hoje não' vai ficando ao mesmo tempo cômico, triste e defensivo, como se um regulamento social tivesse invadido o campo íntimo por completo.

Palavras suspeitas: recusa / contato / censura / amor / defesa

Para começar sem cerimônia

1. O 'hoje não' te soa mais como limite legítimo, pânico social ou mantra da indisposição afetiva contemporânea?
2. Qual palavra te prende mais aqui: burlesco, indecente, contato físico ou o próprio 'hoje não' repetido até virar ambiente?
3. Você saiu do poema com dó, riso ou uma estranha sensação de identificação nada lisonjeira?

Para pensar além da conta

1. Como o poema faz a linguagem de proibição contaminar uma situação íntima até ela parecer regulada por decreto?
2. O que muda quando o contato entre pessoas aparece como problema, escândalo e insistência ao mesmo tempo?
3. Esse poema fala mais de recusa individual ou de um clima social que já transformou proximidade em coisa suspeita?

ALGUMA COISA QUE PARECEU IMPORTANTE NA HORA

até isso foi cortado

Douglas Domingues / poesia / p. 23-23

Com leite, queijo, demanda, perdas e indignação, o poema retrata um estado de escassez meio econômico, meio doméstico, meio nacional. Tudo parece reduzido, adiado ou negado, e o tom de conversa pública mal resolvida transforma carência em ruído permanente.

Palavras suspeitas: escassez / crise / alimento / economia / indignação

Para começar sem cerimônia

1. O que te pega mais aqui: a falta concreta de leite e queijo ou a sensação geral de que o corte nunca para de se espalhar?
2. Esse poema parece mais conversa de mercado, telejornal, grupo de família ou boletim de derrota nacional?
3. Você acredita que 'esse momento ainda não chegou' ou o poema já te convenceu de que ele chegou faz tempo?

Para pensar além da conta

1. Como o poema transforma linguagem de crise econômica e abastecimento em clima afetivo de desgaste e impotência?
2. O que acontece quando a escassez aparece ao mesmo tempo como dado objetivo e como humilhação difusa?
3. Por que o verso-título funciona tão bem como síntese de um sentimento social mais amplo de perda continuada?

ALGUMA COISA QUE PARECEU IMPORTANTE NA HORA

melhor acabar por aqui

Douglas Domingues / poesia / p. 24-24

Perseguição, choro, polícia, perda e narrativas opostas aparecem comprimidos num encerramento que parece discutir ao mesmo tempo briga, separação e impossibilidade de acordo. O poema fecha o bloco poético com um cansaço dramático que combina ameaça, desgaste e resignação mal resolvida.

Palavras suspeitas: encerramento / conflito / perda / polícia / cansaço

Para começar sem cerimônia

1. Esse fim te soa mais como término de relação, desistência de discussão ou retirada estratégica antes de piorar?
2. Qual detalhe te fisga mais: a polícia, o choro, a perda por tão pouco ou as narrativas totalmente opostas?
3. O poema termina em paz, em fuga ou naquele tipo de exaustão que só muda de roupa e continua?

Para pensar além da conta

1. Como o texto condensa conflito íntimo e linguagem quase policial sem esclarecer totalmente o que aconteceu?
2. O que a expressão 'narrativas totalmente opostas' acrescenta a um poema já cheio de dor, versão e desencontro?
3. Por que esse encerramento serve bem ao conjunto de poemas, mesmo sem oferecer resolução limpa de nada?

ALGUMA COISA QUE PARECEU IMPORTANTE NA HORA

MEU MÉTODO

Douglas Domingues / micro-ensaio / p. 25-27

O texto final expõe com clareza quase didática o protocolo usado em todo o livro: buscar termos no Google, garimpar meta descrições, recortar fragmentos combináveis e não alterar nada. Ao revelar a oficina, o autor não mata os poemas; pelo contrário, troca o mistério romântico por uma engenharia de sucata verbal feita de regra, paciência e vontade de brincar.

Palavras suspeitas: método / Google / colagem / restrição / processo

Para começar sem cerimônia

1. Saber que tudo veio de meta descrição do Google te fez respeitar mais o projeto ou só admirar o grau de obsessão envolvido?
2. A regra de não alterar nada te parece produtiva, arbitrária ou exatamente o tipo de limitação que salva uma brincadeira do puro oba-oba?
3. O texto final te dá vontade de fazer flarf em casa ou apenas de olhar o Google com um pouco mais de desconfiança poética?

Para pensar além da conta

1. O que o MEU MÉTODO muda na leitura retroativa dos poemas: redistribui sentido, cria outro tipo de autoria ou enfatiza ainda mais a montagem?
2. Como a restrição formal de não mudar gênero, número ou grau interfere na força e no humor dos poemas?
3. Ao explicar o processo com tanta franqueza, o livro perde aura ou ganha consistência crítica?
4. Esse método te parece mais próximo de jogo, de artesanato, de ready-made digital ou de sabotagem carinhosa da ideia tradicional de inspiração?

ALGUMA COISA QUE PARECEU IMPORTANTE NA HORA

Guia capenga de leitura das edições fuinha.

Use sozinho ou em grupo. Resultados intelectuais não garantidos.

edicoesfuinha.com.br/guias/poesia-flarf-de-pessima-qualidade